

RUTE SILVA CORREIA

MANOEL DE OLIVEIRA

O HOMEM DA MÁQUINA DE FILMAR

OFICINA
DO LIVRO

ÍNDICE

- 11** *Introdução: Sinfonia visual*

- 17** *Como se faz um cineasta*

- 23** *Década de 1910: Viagem ao princípio do mundo*
- 39** *Década de 1920: O ciclo do Porto*
- 53** *Década de 1930: O filme falado e o ciclo de Lisboa*
«A conduzir, sempre depressa. Para ir devagar, vou a pé.»
- 73** *Década de 1940: Uma espécie de neo-realismo*
- 91** *Década de 1950: Manoel e a cidade*
- 103** *Década de 1960: Actos de modernidade*
- 113** *Década de 1970: O passado e o presente do cinema português*
- 133** *Década de 1980: Filmes para o país e filmes para Paris*
- 149** *Década de 1990: (Re)encontros únicos*
- 167** *Década de 2000: O estranho caso de Manoel de Oliveira*
- 177** *Década de 2010: Quando Baixaram as Luzes*

- 187** *Os filmes de vida dele*
- 189** *Os filmes preferidos*
- 189** *Os seus filmes – Filmografia de Manoel de Oliveira*

- 205** *Iconografia*
- 207** *Bibliografia*
- 217** *Índice Onomástico*
- 221** *Agradecimentos*

19

10

DÉCADA DE 1910

VIAGEM AO PRINCÍPIO DO MUNDO



Manoel, com «o», Manoel Cândido Pinto de Oliveira nasceu no Porto, em 11 de Dezembro de 1908. O nascimento foi registado no dia seguinte, no assento de baptismo n.º 147/1909, em Cedofeita.

O terceiro filho de Francisco José de Oliveira nasceu, portanto, um ano depois da ficção cinematográfica em Portugal. Dez anos antes, fora inaugurado por Georges Méliès o primeiro estúdio de cinema do mundo, em Montreuil. Fazia sensação em Paris a projecção das primeiras fitas no «cinématographe» dos irmãos Lumière, depois da primeira apresentação pública, em 28 de Dezembro de 1895.

Em 12 de Novembro de 1896, Aurélio da Paz dos Reis, um fotógrafo amador e floricultor, exibiu no Porto a primeira projecção. *A Saída do Pessoal Operário da Fábrica Confiança* era uma versão do primeiro documentário da história do cinema, *La Sortie de l'Usine Lumière à Lyon* (1894-1895), realizado pelos irmãos Lumière.

O cinema chegara a Portugal alguns meses antes,

quando o lisboeta e *dandy* Costa Veiga ajudou Edwin Rousby, um misterioso exibidor itinerante, na primeira projecção do Animatógrafo Rousby. O evento, em que foi utilizado um projector Edison, ocorreu no Real Colyseu de Lisboa na Rua da Palma, em 18 de Julho de 1896. Na sessão, esteve presente o infante D. Afonso, irmão de D. Carlos I, em representação do entusiasmo que a Casa Real portuguesa manifestava pela novidade.

A primeira fita realizada em Portugal seria, justamente, um passeio de D. Carlos I, oferecido mais tarde ao príncipe D. Luís Filipe.

Em pouco tempo, a moda pegou, proliferando por Lisboa e Porto as salas onde um embrionário mas deslumbrado público pré-cinéfilo acorria para assistir a projecções cada vez mais demoradas. Nessa altura, as fitas tinham 25 metros de comprimento.

Chegado ao mundo em 1908, Manoel de Oliveira herdaria de seu pai o espírito visionário, a persistência e a imaginação. Francisco José de Oliveira era um industrial progressista, à imagem da burguesia portuense. Na viragem do século, adquirira uma certa aura de mágico, ao tornar-se o primeiro fabricante de lâmpadas em Portugal, quando o país funcionava a gás.

Em Janeiro de 1932, Francisco de Oliveira fundou a Central Hidroeléctrica de Ermal, no rio Ave, no Douro, que ficaria registada para a posteridade em *Hulha Branca* (1932), um dos primeiros documentários do realizador. Paradoxalmente, o filme não tem cenas de interiores por insuficiência de iluminação. A responsabilidade não terá sido, certamente, da potência (ou falta dela) das lâmpadas fabricadas por Francisco de Oliveira, que se chamavam «Hercules».

Apesar do nome auspicioso, um ano depois, a fábrica de lâmpadas fechou.

A verdade é que a família Oliveira andava depressa num país onde o progresso chegava devagarinho. No advento, a electricidade tinha pouca procura e a areia destinada às «Hercules» servia para moldar bonitas bengalas de vidro que Manoel e o irmão Casimiro usavam para brincar com cuidado, porque se partiam.

Manoel de Oliveira nasceu na casa que o pai construía para a família e nela viveu até ao dia do seu casamento com Maria Isabel. Era na Rua 9 de Julho, à Ramada Alta: um grande palacete no cimo de uma rampa, por detrás de três tílias frondosas, no meio de um terreno onde havia um jardim que foi o paraíso da sua infância. Das janelas, via-se o Porto.

Anexa à casa e ao jardim, havia uma unidade fabril de passamanarias, que pertencia à família e lhe garantiria sustento por várias décadas. A propriedade foi ocupada pelos funcionários e abandonada pela família depois da Revolução de 1974.

Nascido no final da Monarquia e dois anos antes da implantação da República em Portugal, a infância de

A Fábrica 9 de Julho, anexa à casa onde nasceu Manoel, foi propriedade dos Oliveira até meados da década de 1970.



Manoel de Oliveira acompanhou as sucessivas mudanças dos governos republicanos. Nos momentos de maior agitação, as famílias ficavam em casa, com as portas e as janelas fechadas, com receio de balas perdidas. Esta experiência lateral à sua inconsciência de menino havia de o marcar, reflectindo a incerteza e a instabilidade das coisas e do mundo.

Abandonadas prematuramente, em ruínas, nunca terminadas ou habitadas pelos seus mistérios, lugares de paixões, de nascimentos e de mortes, as casas seriam uma obsessão do cineasta, símbolo de protecção e intimidade. A casa da Rua 9 de Julho foi um lugar de refúgio naquele tempo fantasmagórico da infância, em que os medos não se atreviam a passar para lá das altas portadas.

Lá fora, errando pelas ruas do Porto, passavam gatunos e a guarda a cavalo; no jardim da Cordoaria, havia a árvore da força que assombrava o pequeno Manoel de canudos louros, que se imaginava de mão estendida, a mendigar, como os pobres faziam a seguir à missa de domingo. A incerteza do futuro e o pavor de «cair em desgraça» faziam-no pensar em inscrever-se como aprendiz de pedreiro para poder trabalhar e ganhar o seu sustento, erguendo pontes e catedrais.

Nesse tempo, a família passava o Natal no Douro. O rio encapelava-se contra a barca frágil que os transportava de uma margem à outra. Aos olhos de Manoel, o barqueiro parecia-lhe um gigante sem medo.

Pedreiros e barqueiros seriam, decerto, pequenos homens aos olhos de Deus, mas deuses aos olhos dos homens. Os «gigantes do Douro» que povoavam a sua imaginação de criança, habitantes de um mundo incriado que viriam a inspirar-lhe, anos mais tarde, o argumento para um filme que nunca rodou.

Nessa casa da Rua 9 de Julho houve uma só morte – a de Francisco de Oliveira – e dois nascimentos: o do cineasta e o do seu primeiro filme. Foi ali que, muito jovem, Manoel de Oliveira escreveu e editou *Douro, Faina Fluvial*, montando os rolinhos de película a palmo e à tesoura, por cima da mesa de bilhar da sala. Foi ali que escreveu muitos outros filmes que nunca chegou a realizar e que, por isso, lá ficaram – fantasmas de ideias não filmadas no espaço vazio.

Foi também em casa que improvisou um pequeno estúdio com material importado de Itália, onde montou artesanalmente o revolucionário *Acto da Primavera* (1963).

Manoel de Oliveira teve dois irmãos, Chico (Francisco) e Miro (Casimiro). A ele, por ser o mais novo, chamavam-lhe Nené.

Casimiro, mais velho do que ele apenas um ano e alguns meses, era o irmão mais próximo, mais estimado e mais saudoso. Companheiros de todas as aventuras, frequentaram os mesmos colégios, os mesmos passatempos e os mesmos amigos. Andavam quase sempre juntos e eram tão próximos que as raparigas chegavam a confundi-los.

O irmão Chico era mais velho, poeta e *dandy*, especialista em sedução das casas de chá às paragens dos eléctricos. Com uma diferença de nove anos para os mais novos, mantinha amantes caras que passeava no Porto, nas salas de teatro mais chiques. Por vezes, levava Manoel pela mão aos camarotes e elas recebiam o pequeno com ternuras que o inebriavam, suspeito daqueles sortilégios, que não eram carícias de mãe, mas a ignição da inquietude vulcânica e obsessivamente irresoluta do eterno feminino.



Frequentando camarotes mais tranquilos, os pais de Manoel, Cândida e Francisco, tinham assinatura no n.º 16 na Ópera do Porto e também no Teatro Sá da Bandeira. Foi por esta altura que Manoel assistiu, no Porto, ao *vaudeville Miss Diabo* (1918), protagonizado pelo casal Luísa Satanela e Estêvão Amarante. Por alguma razão, o texto ficou-lhe para sempre na memória e viria a reproduzi-lo, de cor, 83 anos mais tarde, numa sequência de *Porto da Minha Infância* (2001).

Francisco de Oliveira levava Manoel e Casimiro ao cinema no Gil Vicente, no Palácio de Cristal, para verem filmes de Chaplin e dos irmãos Marx. Mais tarde, Manoel tornar-se-ia grande admirador de Max Linder, de quem pouco se falava em Portugal, mantendo com a filha do comediante uma relação epistolar.

À saída das sessões no Gil Vicente, o pequeno Manoel, encantado, sonhava um dia ser artista cómico. Algumas décadas depois, o cineasta inspirar-se-ia em filmes de Griffith e nos expressionistas alemães e franceses, mas, por enquanto, aquele miúdo loiro ia ao cinema ver Chaplin e gostava de bolos. E também ia ao circo e gostava de palhaços, como Fellini.

Era guloso e alimentava a esperança de um dia a mãe se esquecer dele nas confeitarias. Sonhava, então, com esse fim de tarde glorioso em que, fechadas as portas e desocupadas as mesas e os balcões, poderia comer os bolos que lhe apetecesse. Todos. De preferência com creme.

Eleita pelos melhores folhados, a favorita era a luxuosa Confeitaria Oliveira. Mais tarde, abriu uma sucursal na Rua 31 de Janeiro, que tinha um corrimão comprido onde se encostavam filas de rapazes da burguesia portuense, todos idênticos ao irmão Francisco, *dandies* alegres a contarem pormenores picantes de escândalos urbanos

Manoel de
Oliveira, com
canudos loiros.

que excitavam a imaginação dos mais novos.

No Porto, realizavam-se naquela época duas exposições populares no Palácio de Cristal: a exposição de flores e a exposição de automóveis. Depois do jantar, passeava-se na Avenida das Tílias, onde as senhoras mostravam os vestidos da estação.

Enquanto os pais viajavam pelo estrangeiro, Manoel de Oliveira viveu uma temporada em casa de um tio nessa zona romântica do Porto, com o irmão Casimiro e uma série de primos: António, Virgínia, Alice, Amélia, Maria, Helena e Guilhermina que era a mais afectuosa. Os dois estavam apaixonados. Manoel tinha 9 anos. Quando todos se deitavam, subia as escadas para se encontrar com o seu primeiro amor, os dois trocavam um beijo e fugiam. Guilhermina morreria poucos anos depois, tuberculosa, como o irmão António.

Foi também por essa altura que Manoel assistiu à escalada

A Escalada da Basílica da Estrela pelos irmãos Miguel e José Puertollano foi a seqüela do sucesso *Um Chá nas Nuvens* e teve grande destaque na imprensa especializada. In *Cine-Revista*, n.º10 de 15.12.1917 e n.º11 de 15.1.1918.

